

Evidências de validade convergente entre três instrumentos de avaliação da consciência fonológica

Preuve de validité convergente entre trois instruments d'évaluation de la conscience phonologique
Evidencia de validez convergente entre tres instrumentos de evaluación de la conciencia fonológica
Convergent validity evidence between three instruments for assessment of phonological awareness

Fernanda de Carvalho Mesquita¹ & Rosane Braga de Melo¹

1 Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

O presente estudo buscou por evidências de validade convergente entre três instrumentos de avaliação da consciência fonológica: Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica (RACF), Prova de Consciência Fonológica por Produção Oral (PCFO) e Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial (CONFIAS). Estudos anteriores fizeram análises de validade convergente entre o RACF e a PCFO, mas não incluíram o CONFIAS. Considerando que o CONFIAS é um dos instrumentos mais utilizados nos estudos sobre consciência fonológica no Brasil, tornam-se relevantes estudos de validade de convergência que o incluam. Participaram do estudo 131 crianças, de ambos os sexos, entre 6 e 8 anos, frequentadoras de seis turmas do primeiro ao terceiro ano do Ensino Fundamental – duas turmas de cada ano escolar - de uma escola pública localizada na região Metropolitana do Rio de Janeiro. Os participantes foram avaliados, individualmente, pelos instrumentos RACF, PCFO e CONFIAS. Em relação ao desempenho, as crianças apresentaram melhores resultados no RACF, em seguida no CONFIAS e piores resultados na PCFO. Os resultados apontam que o RACF pode ser mais indicado para a triagem das habilidades fonêmicas e o CONFIAS pode ser mais apropriado para uma avaliação mais completa de habilidades silábicas e fonêmicas. Quanto à validade convergente, verificou-se uma correlação significativa, positiva e forte entre os escores dos três instrumentos, a saber, RACF versus PCFO ($r=0,63$), RACF versus CONFIAS ($r=0,69$) e PCFO versus CONFIAS ($r=0,85$), além disso os instrumentos com a melhor correlação foram o CONFIAS e a PCFO, possivelmente pelo tipo de tarefas envolvidas. Assim, conclui-se que os três instrumentos possuem convergência entre si.

Palavras-Chave: Consciência fonológica, instrumentos, avaliação, validade convergente.

Resumen

El presente estudio buscó evidencia de validez convergente entre tres instrumentos para la evaluación de la conciencia fonológica: Guía de Evaluación de la Conciencia Fonológica (RACF), Prueba de Conciencia Fonológica por Producción Oral (PCFO) y Conciencia Fonológica: Herramienta de Evaluación Secuencial (CONFIAS). Estudios anteriores han realizado análisis de validez convergente entre RACF y PCFO, pero no han incluido CONFIAS. Considerando que el CONFIAS es uno de los instrumentos más utilizados en los estudios de conciencia fonológica en Brasil, cobran relevancia los estudios de validez de la convergencia que lo incluyen. El estudio incluyó a 131 niños, de ambos sexos, de entre 6 y 8 años, que asistían a seis clases del primero al tercer año de la escuela primaria -dos clases por año escolar- de una escuela pública ubicada en la Región Metropolitana de Río de Janeiro. Los participantes fueron evaluados individualmente utilizando los instrumentos RACF, PCFO y CONFIAS. En cuanto al rendimiento, los niños mostraron mejores resultados en RACF, luego en CONFIAS y peores resultados en PCFO. Los resultados muestran que RACF puede ser más adecuado para evaluar las habilidades fonémicas y CONFIAS puede ser más apropiado para una evaluación más completa de las habilidades silábicas y fonémicas. En cuanto a la validez convergente, hubo una correlación significativa, positiva y fuerte entre las puntuaciones de los tres instrumentos, a saber, RACF versus PCFO ($r = 0.63$), RACF versus CONFIAS ($r = 0.69$) y PCFO versus CONFIAS ($r = 0.85$), además, los instrumentos con mejor correlación fueron CONFIAS y PCFO, posiblemente por el tipo de tareas involucradas. Así, se concluye que los tres instrumentos convergen entre sí.

Palabras clave: conciencia fonológica, instrumentos, evaluación, validez convergente.

Artigo recebido: 30/07/2019; Artigo revisado (1a revisão): 19/05/2020; Artigo revisado (1a revisão): 30/07/2020; Artigo aceito: 07/10/2020.
Correspondências relacionadas a esse artigo devem ser enviadas a Rosane Braga de Melo, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Educação, Departamento de Psicologia, BR 465, Km 07 – Seropédica, RJ – Brasil. CEP 23890-000.

E-mail: rosanebm@yahoo.com.br

DOI: 10.5579/rnl.2016.0524

Résumé

La présente étude a recherché des preuves de validité convergente entre trois instruments d'évaluation de la conscience phonologique: le guide d'évaluation de la conscience phonologique (RACF), le test de sensibilisation phonologique par production orale (PCFO) et la conscience phonologique: outil d'évaluation séquentielle (CONFIAS). Des études antérieures ont effectué des analyses de validité convergentes entre RACF et PCFO, mais n'ont pas inclus CONFIAS. Considérant que CONFIAS est l'un des instruments les plus utilisés dans les études sur la conscience phonologique au Brésil, les études de validité de convergence qui l'incluent deviennent pertinentes. L'étude portait sur 131 enfants, des deux sexes, âgés de 6 à 8 ans, fréquentant six classes de la première à la troisième année du primaire - deux classes de chaque année scolaire - d'une école publique située dans la région métropolitaine de Rio de Janeiro. Les participants ont été évalués individuellement à l'aide des instruments RACF, PCFO et CONFIAS. En ce qui concerne les performances, les enfants ont montré de meilleurs résultats en RACF, puis en CONFIAS et de moins bons résultats en PCFO. Les résultats indiquent que RACF peut être plus approprié pour le dépistage des capacités phonémiques et CONFIAS peut être plus approprié pour une évaluation plus complète des compétences syllabiques et phonémiques. En ce qui concerne la validité convergente, il y avait une corrélation significative, positive et forte entre les scores des trois instruments, à savoir, RACF versus PCFO ($r = 0,63$), RACF versus CONFIAS ($r = 0,69$) et PCFO versus CONFIAS ($r = 0,85$), de plus, les instruments avec la meilleure corrélation étaient CONFIAS et PCFO, probablement en raison du type de tâches impliquées. Ainsi, il est conclu que les trois instruments convergent les uns avec les autres.

Mots clés: conscience phonologique, instruments, appréciation, validité convergente.

Abstract

The present study searched for convergent validity evidence between three instruments for assessment of phonological awareness: Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica (RACF), Prova de Consciência Fonológica por Produção Oral (PCFO) and Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial (CONFIAS). Previous studies have performed convergent validity analyzes between RACF and PCFO, but did not include CONFIAS. Considering that CONFIAS is one of the most used instruments in studies on phonological awareness in Brazil, studies of convergence validity that include it become relevant. The study included 131 children of both sexes, aged between 6 and 8, attending six classes from the first to the third grade of elementary school - two classes from each school year - from a public school located in the metropolitan region of Rio de Janeiro. Participants were assessed individually using the RACF, PCFO and CONFIAS instruments. Regarding performance, children showed better results in RACF, then in CONFIAS and worse results in PCFO. The results indicate that the RACF may be more suitable for the screening of phonemic skills and CONFIAS may be more appropriate for a more complete assessment of syllabic and phonemic skills. As for convergent validity, there was a significant, positive and strong correlation between the scores of the three instruments, namely, RACF versus PCFO ($r = 0.63$), RACF versus CONFIAS ($r = 0.69$) and PCFO versus CONFIAS ($r = 0.85$), in addition, the instruments with the best correlation were CONFIAS and PCFO, possibly due to the type of tasks involved. Thus, it is concluded that the three instruments have convergence between them.

Keywords: Phonological awareness, instruments, assessment, convergent validity.

Introdução

A importância da consciência fonológica para o aprendizado da leitura e da escrita tem sido reconhecida em diversos estudos conduzidos em diferentes línguas nos últimos quarenta anos (Bradley & Bryant, 1983; Caravolas & Bruck, 1993; Correa, 2014; Luo, Chen & Geva, 2016; Rego, 1995; Roazzi, Roazzi, Justi & Justi, 2013; Santos et al., 2017; Seymour et al., 2003). Nessa mesma linha, pesquisas de intervenção mostram que há uma melhora significativa no desempenho das crianças, na leitura e na escrita, quando são incluídas atividades de consciência fonológica no processo de ensino e aprendizagem (Bradley & Bryant, 1983; Capovilla & Capovilla, 1998; 2000; González, Cuetos, Vilar & Uceira, 2015; Santos & Barrera, 2017; Tunmer, 1990). Isso se explica porque o aprendizado do sistema alfabético de escrita pressupõe uma habilidade analítica em relação às unidades significativas da linguagem falada, e a consciência fonológica tem sido indicada como preditora na aprendizagem inicial da leitura e da escrita de crianças, jovens e adultos à medida que contribui para o aprendiz desenvolver uma atenção explícita para os segmentos sonoros que compõem as palavras na linguagem falada (Adams, 1990; Alegria & Mousty, 1996; Lopes & Minervino, 2015; Melo, 2006; Morais, 1996).

Deste modo, tarefas de consciência fonológica quando compõem a avaliação das habilidades linguísticas que

os aprendizes dispõem, no início da alfabetização, podem auxiliar diferentes profissionais no planejamento de procedimentos adequados às necessidades dos aprendizes, tanto em sala de aula quanto na clínica (Adams et al., 2006; Blanco-Dutra, 2012; Galicia-Moyeda, Robles-Ojeda & Sanchez –Velasco, 2015).). Obviamente não acreditamos que somente essas habilidades metalinguísticas sejam responsáveis por todas as dificuldades que afetam o aprendizado da leitura e da escrita das crianças, jovens e adultos brasileiros. A literatura indica que outros conhecimentos e habilidades, tais como o conhecimento de letras, as correspondências letra-som e a consciência sintática, devem integrar o plano de trabalho dos profissionais envolvidos no ensino da leitura e da escrita (Correa, 2004; Correa e Mousinho, 2013; Melo, 2006).

Mas independentemente do peso dado ao papel da consciência fonológica durante o processo de aprendizagem, a maneira como a mensuração desse constructo tem sido realizada e os instrumentos empregados nessas mensurações, tem causado muitas dúvidas (Gough, Larson, & Yopp, 1995; Yopp, 1988). Suehiro e Santos (2011), por exemplo, afirmam que, durante muito tempo, as pesquisas de avaliação da consciência fonológica no Brasil não priorizaram uma discussão sobre as qualidades psicométricas dos instrumentos utilizados no contexto de suas investigações. Frequentemente, os instrumentos eram elaborados pelos próprios pesquisadores baseados em suas expertises e a partir de metodologias de

pesquisas realizadas em diferentes línguas. Publicações nas áreas da avaliação psicológica e da neuropsicologia vêm indicando a relevância da análise de aspectos como o de validade e precisão dos instrumentos contribuindo, assim, para a difusão dos estudos sobre as propriedades psicométricas das tarefas incluídas nas pesquisas que avaliam a consciência fonológica no Brasil (Antoniuzzi, Suehiro & Santos, 2005; Capovilla, Dias & Montiel, 2007; Mota, Santos & Guimarães, 2014; Santos & Lima, 2017).

Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo buscar evidências de validade convergente entre três instrumentos de avaliação da consciência fonológica comumente usados em pesquisas e na área clínica (psicológica, psicopedagógica, fonoaudiológica e neuropsicológica) nos últimos dez anos, no Brasil: o Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica (RACF), a Prova de Consciência Fonológica por Produção Oral (PCFO), e o Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial (CONFIAS), a partir de análises globais dos resultados, tal qual estudos anteriores, como os de Suehiro (2008) e Suehiro & Santos (2015a), que fizeram análises de validade convergente entre o RACF e a PCFO e também partiram de uma análise global dos resultados, mas não incluíram o CONFIAS. Se o CONFIAS é um dos instrumentos mais utilizados nos estudos sobre consciência fonológica no Brasil (Godoy, Fortunato & Paiano, 2014), então tornam-se relevantes estudos e análise de validade de convergência que incluam esse instrumento.

A Consciência Fonológica

A consciência fonológica vem sendo definida como o conhecimento sobre as subunidades que compõem a palavra falada e envolve habilidades de manipulação intencional delas (Bradley & Bryant, 1983; Correa & Mousinho, 2013; Morais, 2019). Por implicar a reflexão e manipulação intencional da estrutura fonológica da linguagem oral, a consciência fonológica é uma habilidade metacognitiva (Gombert, 1992). Diversas habilidades a compõe, em razão das unidades linguísticas envolvidas (palavra, rima, sílaba, fonema), da posição que estas unidades ocupam nas palavras, das diferentes operações cognitivas realizadas pelos indivíduos quando realizam tarefas que exigem uma reflexão sobre as unidades sonoras das palavras de sua língua (identificação, segmentação, adição, subtração, transposição, entre outras). Deste modo, encontramos diferentes habilidades fonológicas que variam em termos de complexidade, quando são levadas em consideração, por exemplo, a operação cognitiva e o segmento sonoro. As pesquisas que relacionam alfabetização e o aprendizado da leitura e da escrita se utilizam então de diferentes tarefas: segmentação silábica e fonêmica, identificação de sílaba inicial, medial e final, transposição silábica, subtração de sílabas e de fonemas iniciais e finais, entre outras (Correa & Mousinho, 2013; Morais, 2019). Uma relação interativa, de causalidade recíproca, entre a aprendizagem da leitura e da escrita e as habilidades de consciência fonológica vem sendo indicada pelos estudos na área (Correa & Mousinho, 2013; Morais, 2019). Neste sentido, certas habilidades de consciência fonológica são importantes logo no aprendizado inicial da leitura e a própria experiência com as atividades de leitura

promove o desenvolvimento de habilidades de consciência fonológica. Mas é preciso notar que as diferenças entre as línguas trazem uma variação das habilidades de consciência fonológica necessárias para a aprendizagem inicial da leitura, de acordo com a língua falada pelo aprendiz (Caravolas & Bruck, 1993). Enquanto na língua inglesa, a rima e a aliteração são habilidades importantes para o aprendizado de leitores iniciantes, na língua portuguesa a consciência silábica se correlaciona com o desempenho dos aprendizes logo no início da alfabetização (Mousinho & Correa, 2009).

A importância do desenvolvimento da consciência fonológica no aprendizado da leitura e da escrita é afirmada em diferentes estudos (Aragão & Morais, 2020; Bradley & Bryant, 1983; Capovilla & Capovilla, 2000; Cardoso-Martins, 1995; Mota et al. 2006; Mousinho & Correa, 2009; Roazzi et al., 2013). E sua avaliação vem sendo destacada como uma das fontes de alimentação para o ensino do sistema alfabético, à medida em que as habilidades de análise da linguagem oral ajudam na descoberta, pelo aprendiz, do princípio alfabético, ou seja, o princípio de correspondência entre os fonemas e os grafemas (Morais, 2013, Morais 2019). Aliado ao conhecimento de letras instrumentaliza o aprendiz no processo de decodificação das palavras e mantém uma forte correlação com a exatidão e fluência leitora. Entretanto, o peso dessa relação decresce à medida que a escolaridade aumenta, entrando em jogo outras variáveis tais como a memória fonológica e a nomeação rápida, nos anos escolares mais avançados (Morais, 2019).

Um ponto crítico nas investigações sobre consciência fonológica diz respeito à operacionalização e às medidas de consciência fonológica (Adams, 1990; Sthal & Murray, 1994; Yopp, 1988), justamente por não se constituir como um construto unitário, e suas habilidades se distribuírem em uma escala contínua que permite o estabelecimento de um índice de dificuldade entre as tarefas (Adams, 1990; Correa, 2001; Sthal & Murray, 1994; Yopp, 1988). O que é consensual é a ideia de que habilidades menos complexas podem ser precursoras da construção de habilidades fonológicas mais complexas, de forma que a consciência de unidades fonológicas mais globais precede a consciência fonêmica, bem como atividades que exigem identificar semelhanças e diferenças sonoras são mais fáceis do que aquelas que exigem adicionar, subtrair ou isolar sons. Estudos sobre o desenvolvimento da consciência fonológica em diferentes línguas alfabéticas encontraram resultados semelhantes (Cossu, Shankweiler, Liberman, Tola, & Katz, 1988; Jiménez & Ortiz, 1994; Treiman & Baron 1981). A sílaba por ser uma unidade de articulação básica, e uma unidade sublexical importante, torna-se um segmento sonoro que se destaca no Português Brasileiro e, por isso, é também mais facilmente identificada e passível de ser analisada (Cagliari, 1992; Mousinho & Correa, 2009). Já o fonema é uma unidade linguística, um segmento fônico que possui uma função distintiva e é impossível de ser decomposto em outros segmentos. Na fala, os fonemas são coarticulados, ou seja, a linguagem oral é uma sequência dessas pequenas unidades a que chamamos fonema. Daí a dificuldade de todo aprendiz de representá-las e de descobrir que a escrita alfabética representa através das letras do alfabeto a dinâmica da fala, através de

combinações de letras (Ducrot & Todorov, 2001; Morais, 2013).

As medidas de Consciência Fonológica

No Brasil, atualmente, há em média 23 instrumentos padronizados que avaliam a consciência fonológica. Foram selecionados para o presente estudo os três instrumentos elencados como os mais utilizados tanto em pesquisas, como na área clínica: são eles o RACF, a PCFO e o CONFIAS (Godoy, Fortunato e Paiano, 2014). A seguir, apresentamos a descrição e o estudo de validade de cada um deles.

Um dos instrumentos com evidências de validade de critério para a avaliação da consciência fonológica é o Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica, desenvolvido por Santos (1996). O Roteiro é composto por um conjunto de quinze itens construídos para a avaliação da identificação do som inicial, final e do meio das palavras e por isso é considerado de fácil aplicação e correção. Encontramos quatro estudos que buscaram evidências de validade de critério do RACF (Mota, Santos, Guimarães & Conti, 2014; Suehiro, 2008; Suehiro & Santos, 2011; Suehiro & Santos, 2015b). Esses estudos de forma geral, afirmam que o instrumento apresenta evidências de validade preditiva, pois tem sensibilidade para separar as crianças avaliadas por ano de escolaridade. Porém, é indicado nesses trabalhos a necessidade de novas análises de validade sobre ele.

Outro instrumento com validade de critério para a avaliação da consciência fonológica é a Prova de Consciência Fonológica por Produção Oral (PCFO) desenvolvida por Capovilla e Capovilla (1998). A PCFO avalia a capacidade da criança de manipular os sons da fala e de expressar oralmente o resultado dessa manipulação. O instrumento é composto por quarenta itens, dividido em dez subtestes, quais sejam, ‘síntese silábica’, ‘síntese fonêmica’, ‘rima’, ‘aliteração’, ‘segmentação silábica’, ‘segmentação fonêmica’, ‘manipulação silábica’, ‘manipulação fonêmica’, ‘transposição silábica’ e ‘transposição fonêmica’. Foram realizados estudos de validade de critério com esse instrumento (Capovilla & Capovilla, 1998; Capovilla, Dias & Montiel, 2007), e os resultados revelaram que a PCFO é um instrumento válido para a avaliação da consciência fonológica em crianças da Educação Infantil ao terceiro ano do Ensino Fundamental. No entanto, o estudo de Capovilla, Dias e Montiel (2007) indica que, independentemente do ano escolar analisado, os escores de subtestes como ‘síntese e segmentação silábica’ ficaram próximos ao teto, enquanto subtestes como ‘síntese fonêmica’ e ‘transposição fonêmica’ apresentaram escores muito baixos. Esses resultados dificultam a discriminação das habilidades apresentadas pelas crianças nos anos escolares analisados, indicando assim a necessidade de novas análises de validade.

Um terceiro instrumento que também apresenta evidências de validade para a avaliação da consciência fonológica é o Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS, desenvolvido por Moojen et.al (2003). O CONFIAS é um instrumento que tem como objetivo medir a consciência fonológica e, assim, poder detectar se existem ou não, dificuldades nesta habilidade. Este instrumento divide-se em duas partes: a primeira parte

correspondente ao nível silábico e é composta de nove itens - síntese; segmentação; identificação de sílaba inicial; identificação de rima; produção de palavra com a sílaba dada; identificação de sílaba medial; produção de rima; exclusão; e transposição. A segunda parte envolve o nível fonêmico e está disposta em sete itens: produção de palavra que inicia com o som dado; identificação de fonema inicial; identificação de fonema final; exclusão; síntese; segmentação; e transposição. Há dois estudos de validade publicado sobre o CONFIAS (Moojen & Santos, 2001; Moojen et al., 2003). O primeiro estudo avaliou 42 crianças do último nível da Educação Infantil e 59 crianças da primeira série (atual segundo ano) do Ensino Fundamental. Os resultados indicaram que ao comparar o desempenho das crianças com suas hipóteses de escrita (Ferreiro & Teberosky, 1985), não foram encontradas diferenças significativas entre elas. Além disso, foi observado resultados melhores (com escores altos) por parte de todos os avaliados em alguns subtestes (‘síntese silábica’, ‘identificação de palavra com a mesma sílaba inicial’ e ‘palavra com fonema inicial’) e, portanto, fáceis, e piores resultados e grande dificuldade (com baixos escores) em outros subtestes (‘transposição’ e ‘segmentação fonêmica’) para todas as crianças avaliadas, de acordo com suas hipóteses de escrita. O segundo estudo testou 25 crianças de cada hipótese de escrita (Ferreiro & Teberosky, 1985), totalizando 100 crianças. As crianças apresentaram maiores dificuldades nas tarefas que envolviam habilidades fonêmicas e menos dificuldades nas tarefas que envolviam habilidades silábicas, de acordo com suas hipóteses de escrita. Esses resultados e o fato de os dados normativos do instrumento não apresentarem dados descritivos em relação a idade e a escolarização, dificultam a discriminação das habilidades apresentadas pelas crianças nos anos escolares analisados, e apontam a necessidade de novos estudos sobre a validade do CONFIAS.

Quanto aos estudos de validade de convergência entre os instrumentos, dois estudos de convergência contemplam o RACF e a PCFO. O primeiro deles consta na tese de Suehiro (2008), e teve como objetivo buscar evidências de validade de critério e convergente-discriminante entre instrumentos que se prestam à avaliação da compreensão em leitura, aprendizagem da escrita, desenvolvimento percepto-motor e consciência fonológica. Participaram do estudo 221 estudantes, ambos os sexos, entre 6 e 12 anos, de segundo ao quinto ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do interior de São Paulo. Foram utilizados um questionário de identificação dos sujeitos, dois textos estruturados segundo os padrões tradicionais da técnica de Cloze, a Escala de Avaliação da Escrita (EAVE), as nove figuras do Teste Gestáltico Viso-Motor de Bender e dois instrumentos de Consciência Fonológica, quais sejam, o Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica (RACF) e a Prova de Consciência Fonológica por Produção Oral (PCFO). Para a análise dos dados recorreu-se à prova de Correlação de Pearson. A autora encontrou evidências de validade de critério para o Cloze e o EAVE, tanto para os grupos extremos separados pela PCFO e pelo RACF, quanto pelo Bender – Sistema de Pontuação Gradual (B-SPG), bem como entre todos os instrumentos empregados. O estudo demonstrou ainda evidência de validade convergente entre o B-SPG e o RACF, entre o B-SPG e a PCFO, assim como entre o RACF e a PCFO.

Ao retomarem o estudo feito na tese de Suehiro de 2008, Suehiro e Santos (2015a), se propõem a fazer uma nova análise na mesma amostra, utilizando-se da prova de Correlação de *Spearman* para a análise dos dados e tendo como objetivo buscar evidências de validade convergente entre instrumentos de avaliação da consciência fonológica, a saber, RACF e PCFO. As autoras concluíram que há uma correlação positiva e moderada ($r = 0,65$) entre os instrumentos, indicando que o RACF e a PCFO podem ser usados para avaliar o mesmo constructo. Além disso, elas consideram que entre os dois instrumentos analisados, o RACF é o mais indicado para ser usado na avaliação, pois ele é considerado um instrumento de rastreio das habilidades fonológicas e fornece uma avaliação rápida e de baixo custo para ser usada nessa etapa da escolarização. Segundo Suehiro e Santos (2015a), se uma criança for avaliada com o RACF e apresentar dificuldades, há um indicativo de que ela pode apresentar alguma dificuldade em relação à aprendizagem da leitura e escrita, especialmente durante a fase inicial do processo de escolarização.

Eis onde se inscreve o presente estudo e seu delineamento, pois além de fazermos novas análises de validade convergente entre o RACF e a PCFO, adicionaremos a elas análises do CONFIAS, tendo em vista que este é também um dos instrumentos mais utilizados nas pesquisas e na clínica nos últimos dez anos. Portanto, nosso interesse é verificar se há validade convergente entre os três instrumentos: RACF, PCFO e CONFIAS e em que medida isso acontece.

Método

Participantes

Participaram deste estudo 131 crianças, de ambos os sexos, entre 6 e 8 anos, falantes do Português Brasileiro, frequentadoras de seis turmas de primeiro a terceiro ano do Ensino Fundamental – duas turmas de cada ano escolar - de uma escola Municipal localizada na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Considerando o total da amostra, 59 (45%) crianças eram do sexo feminino e 72 (55%) do masculino, sendo que 42 (32%) estudantes frequentavam o primeiro ano, 47(36%) o segundo ano e 42 (32%) o terceiro ano. Esses participantes foram escolhidos porque fazem parte do primeiro ciclo de alfabetização.

Crerios de Inclusão e Exclusão

A amostra foi não aleatória e o critério de inclusão na pesquisa foi a assinatura dos responsáveis do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nenhuma das crianças possuíam diagnósticos de transtorno do neurodesenvolvimento nem de distúrbio perceptual, sensorial ou visual, conforme relatados pelos pais e/ou responsáveis legais e pelas professoras. Assim, o critério de exclusão usado foi a distorção ano escolar – idade.

Instrumentos

Questões de identificação – Os participantes informaram na mesma folha do Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica (RACF), da Prova de Consciência Fonológica por Produção Oral (PCFO), do Consciência

Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial (CONFIAS), os seguintes aspectos: nome, idade, turma e ano escolar a qual pertencem.

Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica (RACF) – (Santos, 1996) – É um instrumento que consiste de três séries de itens, cada uma com cinco itens e dois exemplos, que buscam avaliar a habilidade das crianças na identificação do ‘Som inicial’, ‘final’ e ‘do meio’ das palavras. Cada item é composto de uma palavra modelo e outras três, para alternativas de resposta. Na primeira série de itens, a criança é solicitada a identificar, entre três palavras diferentes (palavras-teste), qual começa com o mesmo som que uma palavra-estímulo. O mesmo procedimento acontece com as outras séries, só que com os sons finais e os do meio, respectivamente (Mota et al., 2014). Quanto à pontuação dos itens, é atribuído um ponto para cada acerto e zero para cada erro, tendo como pontuação máxima possível 15 pontos. De acordo com Suehiro & Santos (2015b) o RACF ainda não dispõe de normas que possibilitem um ponto de corte, por isso, a referência para a interpretação dos seus resultados é o ponto médio do instrumento que, considerando os 15 pontos possíveis, é 7,5. O roteiro é de aplicação individual, com duração aproximadamente de 10 minutos.

Prova de Consciência Fonológica por produção Oral (PCFO) - (Capovilla & Capovilla, 1998) – É um instrumento que tem como objetivo avaliar a habilidade das crianças em manipular os sons da fala, expressando oralmente o resultado dessa manipulação. A PCFO é composta por 40 itens que avaliam dez componentes da consciência fonológica, separados em dez subtestes, cada um com dois itens de treino e quatro de teste. Os subtestes são: Síntese Silábica, Síntese Fonêmica, Julgamento de Rima, Julgamento de Aliteração, Segmentação Silábica, Segmentação Fonêmica, Manipulação Silábica, Manipulação Fonêmica, Transposição Silábica e Transposição Fonêmica. Quanto à pontuação dos itens, é atribuído um ponto para cada acerto e zero para cada erro, tendo como pontuação máxima 40 pontos. A prova é de aplicação individual com duração aproximada de 20 minutos.

Consciência Fonológica: Instrumento de Avaliação Sequencial – CONFIAS - (Moojen, et al., 2003) – É um instrumento que tem como objetivo medir a consciência fonológica de forma abrangente e sequencial. É indicado para crianças não alfabetizadas e em processo de alfabetização, assim como nos casos de suspeita de dificuldades de aprendizagem. Este instrumento divide-se em duas partes: A primeira parte correspondente ao nível silábico e é composta de nove itens: Síntese Silábica, Segmentação Silábica, Identificação de Sílabas Iniciais, Identificação de Rima, Produção de Palavra com a Sílabas Dada, Identificação de Sílabas Medias, Produção de Rima, Exclusão Silábica, e Transposição Silábica. A segunda parte envolve o nível fonêmico e está disposta em sete itens: Produção de Palavra que Inicia com o Som Dado, Identificação de Fonema Inicial, Identificação de Fonema Final, Exclusão Fonêmica, Síntese Fonêmica, Segmentação Fonêmica, e Transposição Fonêmica. A pontuação do instrumento deve ser realizada no Protocolo de Respostas. As respostas corretas valem um ponto e as erradas zero. Na parte da sílaba, o máximo de acertos é 40 e na parte do fonema é 30, totalizando 70 pontos, que corresponde a

100% dos acertos. A aplicação é individual e tem duração aproximadamente de 30 minutos.

Procedimentos

A coleta de dados foi autorizada pela instituição educacional, campo da nossa investigação, e submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, parecer número 030515 de 30/11/2017 vinculado ao processo 23083.030515/17-13.

As avaliações foram realizadas individualmente, dentro das dependências da escola, em horário de aula previamente combinado com a professora. Cada criança foi avaliada pelos três instrumentos, em dias alternados, durante o primeiro semestre de 2018. Para cada ano escolar, uma sequência diferente de instrumentos foi utilizada. Para o primeiro ano a sequência foi RACF, CONFIAS Sílabas, CONFIAS Fonema, PCFO. O RACF foi escolhido como primeiro instrumento porque é o de mais rápida aplicação. Já o Confiás foi dividido em duas aplicações para evitar a fadiga das crianças. No segundo ano a sequência foi RACF, PCFO, CONFIAS. Assim como no primeiro ano o RACF foi usado como primeiro instrumento porque é o de mais rápida aplicação. No terceiro ano a sequência foi CONFIAS, PCFO, RACF. O CONFIAS foi utilizado como primeiro instrumento porque levamos em conta que as crianças podiam não apresentar fadiga ao realizá-lo por conta da idade. As avaliações foram realizadas por uma equipe de pesquisadores

previamente treinados para estas avaliações, visando uma padronização do procedimento. O tempo de duração da avaliação para cada criança foi em média de 25 a 30 minutos por sessão.

Análises dos Dados

Os instrumentos foram corrigidos seguindo os manuais de aplicação. Os dados coletados foram armazenados em planilha eletrônica (Microsoft Excel®) e analisados no *Software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)*, versão 20.0. Utilizou-se a Estatística Descritiva para se obter a média e desvio padrão dos alunos para os três instrumentos. Não houve dados faltosos, nem omissos, visto que em todas as medidas as respostas em branco ausentes foram consideradas como erros. Após determinação da normalidade dos dados relativos aos escores dos três instrumentos aplicados, optou-se pelas provas de estatística paramétrica, calculando-se a correlação entre os instrumentos, bem como sua magnitude por meio do teste de Correlação de *Pearson*.

Resultados

Os resultados foram analisados levando em consideração o objetivo proposto. A Tabela 1 traz as estatísticas descritivas das pontuações obtidas pelos participantes do estudo nos três instrumentos de avaliação da consciência fonológica, a saber, RACF, PCFO e CONFIAS.

Tabela 1. *Estatísticas Descritivas do Desempenho das Crianças avaliadas no RACF, na PCFO e no CONFIAS*

<i>Instrumento</i>	<i>N</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Mínimo</i>	<i>Máximo</i>
RACF Som Inicial	131	4,3	0,93	1	5
RACF Som Final	131	2,6	1,25	0	5
RACF Som Medial	131	2,7	1,39	0	5
RACF Total	131	9,6	2,7	3	15
PCFO- Síntese Silábica	131	3,82	,71	4	0
PCFO - Síntese Fonêmica	131	,53	1,23	4	0
PCFO - Rima	131	2,35	1,18	4	0
PCFO - Aliteração	131	2,73	1,29	4	0
PCFO - Segmentação Silábica	131	0,53	1,23	4	0
PCFO - Segmentação Fonêmica	131	3,67	0,77	4	0
PCFO - Manipulação Silábica	131	2,59	1,35	4	0
PCFO - Manipulação Fonêmica	131	1,82	1,31	4	0
PCFO - Transposição Silábica	131	2,95	1,51	4	0
PCFO - Transposição Fonêmica	131	,23	,64	3	0
PCFO - Total	131	22,31	7,24	38	4
CONFIAS S1 – Síntese	131	3,82	0,67	0	4
CONFIAS S2 – Segmentação	131	3,62	0,8	0	4
CONFIAS S3 - Identificação de Sílabas Iniciais	131	3,25	0,98	0	4
CONFIAS S4 - Identificação de Rima	131	3,04	1,15	0	4

AVALIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

CONFIAS S5 - Produção de palavra com a sílaba dada	131	3,81	0,48	2	4
CONFIAS S6 - Identificação da Sílaba Medial	131	2,71	1,16	0	4
CONFIAS S7 - Produção de Rima	131	1,45	1,37	0	4
CONFIAS S8 – Exclusão Silábica	131	5,31	2,35	0	8
CONFIAS S9 – Transposição Silábica	131	2,56	1,54	0	4
CONFIAS F1 - Produção de palavra que inicia com som dado	131	3,22	1,1	0	4
CONFIAS F2 - Identificação de Fonema Inicial	131	2,79	1,19	0	4
CONFIAS F3 - Identificação de Fonema Final	131	2,5	1,09	0	4
CONFIAS F4 – Exclusão	131	2,39	2,19	0	6
CONFIAS F5 – Síntese	131	1,72	1,23	0	4
CONFIAS F6 – Segmentação	131	0,7	1,41	0	4
CONFIAS F7 – Transposição	131	1,93	1,67	0	4
CONFIAS – Sílaba	131	29,59	6,87	12	40
CONFIAS – Fonema	131	15,17	7,14	0	29
CONFIAS – Total	131	44,79	13,21	13	69

Os resultados do RACF apontaram que as crianças obtiveram uma média de 9,60 acertos (DP=2,70), com uma pontuação mínima de 3 e máxima de 15 pontos. No que se refere aos subtestes que compõem o roteiro, embora os participantes do estudo tenham apresentado a mesma pontuação máxima, ou seja, 5 acertos, as pontuações médias obtidas no ‘Som final’ e no ‘Som do meio’ foram inferiores à do ‘Som inicial’, o que sugere que as crianças encontraram maior dificuldade em relação à manipulação do ‘Som final’ e do ‘Som medial’, respectivamente, das palavras a elas apresentadas.

Os achados referentes à PCFO apontam que as crianças conseguiram uma média de 22,31 acertos (DP= 7,24), com uma pontuação mínima de 4 e máxima de 38 pontos. No que se refere aos subteste que compõem a prova, observou-se que por um lado, as pontuações médias obtidas em ‘Síntese Silábica’ (M=3,82; DP=0,71,) e ‘Segmentação Silábica’ (M=3,67; DP=0,77), foram superiores as demais. Por outro lado, os piores desempenhos ocorreram em ‘Transposição Fonêmica’ ((M=0,23; DP=0,64) e ‘Segmentação Fonêmica’ (M=0,53; DP= 1,23).

Já os achados referentes ao CONFIAS indicam que as crianças obtiveram uma média de 44,79 acertos (DP=13,21), uma pontuação mínima de 13 pontos e máxima de 69 pontos. No que se refere aos subtestes que compõem o instrumento, observou-se que, por um lado, as pontuações médias obtidas em ‘S1 – Síntese Silábica’ (M=3,82; DP=0,67), ‘S5 – Produção de palavra com sílaba dada’ (M=3,81; DP=0,48) e ‘S2 – Segmentação Silábica’ (M=3,62; DP=0,80) foram superiores às demais, por outro, os piores desempenhos ocorreram em ‘F6 - Segmentação Fonêmica’ (M=0,70; DP=1,41), ‘S7 - Produção de Rima’ (M=1,45; DP=1,37) e ‘F5 - Síntese Fonêmica’ (M=1,72; DP=1,23).

Para verificar se os instrumentos de consciência fonológica mediam, de fato, o mesmo constructo e em que

proporção isso ocorria, recorreu-se à prova de Correlação de *Pearson*.

A Tabela 2 traz os resultados da correlação entre as variáveis totais dos três instrumentos de avaliação da consciência fonológica.

Tabela 2. *Correlação entre as variáveis totais dos instrumentos de avaliação da Consciência Fonológica*

Instrumentos	Correlação de Pearson	RACF - Total	PCFO - Total	CONFIAS - Total
RACF Total	-	1	,63**	,69**
PCFO Total	-	,63**	1	,85**
CONFIAS - Total	r	,69**	,85**	1

Nota. (**) p<0,01.

Foi possível verificar que houve correlação significativa, positiva e forte entre os escores dos três instrumentos, a saber, RACF versus PCFO (r=0,63; p<0,01), RACF versus CONFIAS (r=0,69; p<0,01), PCFO versus CONFIAS (r=0,85; p<0,01). Além disso, podemos destacar que os instrumentos que apresentaram maior correlação positiva foram PCFO versus CONFIAS.

Dando continuidade à verificação de se os instrumentos de consciência fonológica em questão medem, de fato, o mesmo constructo e em que proporção isso ocorre, apresentamos as correlações entre os subtestes dos instrumentos de consciência fonológica. Para isso recorremos a correlação de *Pearson*, cujo resultados são apresentados nas tabelas 3,4 e 5.

Tabela 3. *Correlação de Person (nível de significância de 0,01) entre os subtestes do RACF e da PCFO*

Instrumentos	Correlação de Pearson	RACF – Som Inicial	RACF – Som Final	RACF - Som Medial	RACF – Total
PCFO - Síntese Silábica	r	,18*	,1	,14	,18*
PCFO - Síntese Fonêmica	r	,24**	,25**	,31**	,36**
PCFO - Rima	r	,32**	,37**	,26**	,42**
PCFO - Aliteração	r	,37**	,38**	,38**	,50**
PCFO - Segmentação Silábica	r	,34**	,11	,36**	,35**
PCFO - Segmentação Fonêmica	r	,24**	,25**	,31**	,36**
PCFO - Manipulação Silábica	r	,32**	,22*	,39**	,42**
PCFO - Manipulação Fonêmica	r	,40**	,37**	,45**	,54**
PCFO - Transposição Silábica	r	,44**	,24**	,47**	,51**
PCFO - Transposição Fonêmica	r	,07	,17	,05	,13
PCFO – Total	r	,49**	,41**	,53**	,63**

Nota. (*) p<0,05; (**) p<0,01.

A correlação entre os subtestes do RACF e da PCFO (Tabela 3) indica que sete das 44 relações estabelecidas não foram estatisticamente significativas, duas delas apresentaram intensidade nula e cinco apresentaram intensidade fraca. De forma geral, os achados evidenciaram uma correlação positiva e moderada entre os instrumentos focalizados, o que indica que os desempenhos nos instrumentos de consciência fonológica analisados caminham no mesmo sentido, mostrando convergência entre si. É importante ressaltar que não foi encontrado um correspondente para o ‘Som do meio’ do RACF na PCFO, já que esse instrumento não avalia ‘Som Medial’. No

entanto os índices de correlação encontrados entre o ‘Som do meio’ do RACF e os subtestes de ‘Manipulação Fonêmica’ e ‘Transposição Silábica’ da PCFO, parecem indicar que há algo em comum em se dizer qual palavra apresenta o mesmo ‘Som do meio’ que a palavra-modelo e falar a palavra ao contrário, invertendo suas sílabas, assim como adicionar e subtrair fonemas dizendo qual a palavra resultante. Esses resultados também parecem indicar que essas habilidades exigem níveis parecidos de manipulação.

Tabela 4. *Correlação de Person (nível de significância de 0,01) entre os subtestes do RACF e do CONFIAS*

Instrumentos	Correlação de Pearson	RACF - Som Inicial	RACF - Som Final	RACF - Som Medial	RACF - Total
CONFIAS S1 - Síntese Silábica	r	,36**	,13	,23**	,31**
CONFIAS S2 - Segmentação Silábica	r	,28**	,15	,33**	,33**
CONFIAS S3 - Identificação de Sílabas Iniciais	r	,35**	,24**	,39**	,43**
CONFIAS S4 - Identificação de Rima	r	,44**	,40**	,33**	,51**
CONFIAS S5 - Produção de palavra com a sílaba dada	r	,23**	0,08	,03	,13
CONFIAS S6 - Identificação da Sílaba Medial	r	,39**	,21**	,38**	,43**
CONFIAS S7 - Produção de Rima	r	,30**	,40**	,47**	,53**
CONFIAS S8 - Exclusão Silábica	r	,44**	,31**	,44**	,52**
CONFIAS S9 - Transposição Silábica	r	,29**	,32**	,44**	,47**

AVALIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

CONFIAS F1 - Produção de palavra que inicia com som dado	r	,23**	,21*	,32**	,35**
CONFIAS F2 - Identificação de Fonema Inicial	r	,26**	,25**	,35**	,39**
CONFIAS F3 - Identificação de Fonema Final	r	,33**	,38**	,43**	,52**
CONFIAS F4 - Exclusão Fonêmica	r	,47**	,37**	,47**	,58**
CONFIAS F5 - Síntese Fonêmica	r	,26**	,30**	,43**	,45**
CONFIAS F6 - Segmentação Fonêmica	r	,30**	,30**	,35**	,42**
CONFIAS F7 - Transposição Fonêmica	r	,22*	,26**	,34**	,38**
CONFIAS – Sílabas	r	,55**	,43**	,58**	,69**
CONFIAS – Fonemas	r	,43**	,43**	,56**	,64**
CONFIAS – Total	r	,52**	,46**	,59**	,69**

Nota. (*) p<0,05; (**) p<0,01.

Como pode ser observado na Tabela 4, que diz respeito à correlação entre os subtestes do RACF e os subtestes do CONFIAS, das 76 correlações estabelecidas, apenas cinco não foram estatisticamente significativas e duas delas apresentaram intensidade nula. Apesar disso, os resultados evidenciaram, de forma geral, uma correlação positiva e moderada entre os instrumentos focalizados. Quanto aos subtestes dos instrumentos, foi verificado que os que melhor se

correlacionaram foram ‘F4 – Exclusão Fonêmica’ versus ‘RACF – Som Inicial’; ‘F4 – Exclusão Fonêmica’ versus ‘Som Medial’ (r=0,47; p<0,01); ‘S7 – Produção de Rima’ versus ‘RACF Som Medial’ (r=0,47; p<0,01); ‘S8 – Exclusão Silábica’ versus ‘RACF – Som Inicial’; e S8 – Exclusão Silábica’ versus ‘Som Medial’ (r=0,44; p<0,01).

Tabela 5. Correlação de Person (nível de significância de 0,01) entre os subtestes da PCFO e do CONFIAS

Instrumento	Correlação de Pearson	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
CONFIAS S1 - Síntese Silábica	r	,25**	,12**	,04	,11	,27**	,12	,16	,13	,23*	,1	,23*
CONFIAS S2 - Segmentação Silábica	r	,05	,16**	,26**	,09	,29**	,16	,24**	,26**	,39*	,11	,33*
CONFIAS S3 - Identificação de Sílabas Iniciais	r	,14	,23**	,40**	,36**	,20*	,23**	,45**	,41**	,45*	,15	,55*
CONFIAS S4 - Identificação de Rima	r	,1	,26**	,38**	,52**	,20*	,26**	,39**	,41**	,32*	,09	,52*
CONFIAS S5 - Produção de palavra com a sílaba dada	r	,1	,16	,19*	0,016	0,08	0,16	,1	,13	,19*	,09	,19*
CONFIAS S6 - Identificação da Sílaba Medial	r	,19*	,21**	,33**	,28**	,27**	,21*	,45**	,45**	,40*	,11	,50*
CONFIAS S7 - Produção de Rima	r	,14	,23**	,39**	,32**	,09	,23**	,36**	,48**	,33*	,23*	,47*
CONFIAS S8 - Exclusão Silábica	r	,18*	,30**	,35**	,41**	,25**	,30**	,66**	,63**	,61*	,18*	,71*
CONFIAS S9 - Transposição Silábica	r	,08	,29**	,34**	,36**	,19*	,29**	,49**	,53**	,53*	,16	,60*
CONFIAS F1 - Produção de	r	,28**	,19**	,29**	,15	,22*	,19*	,45**	,47**	,49*	,18*	,53*

palavra que inicia com som dado												
CONFIAS F2 - Identificação de Fonema Inicial	r	,32**	,19**	,36**	,35**	,23**	,19*	,52**	,50**	,43*	,1	,58*
CONFIAS F3 - Identificação de Fonema Final	r	,21*	,27**	,33**	,26**	,31**	,27**	,46**	,49**	,38*	,1	,52*
CONFIAS F4 - Exclusão Fonêmica	r	,61**	,42**	,49**	,44**	,27**	,42**	,50**	,63**	,48*	,16	,70*
CONFIAS F5 - Síntese Fonêmica	r	,14	,33**	,36**	,38**	,25**	,33**	,44**	,45**	,33*	,14	,56*
CONFIAS F6 - Segmentação Fonêmica	r	,08	,62**	,27**	,29**	,13	,62**	,26**	,39**	,25*	,19*	,49*
CONFIAS F7 - Transposição Fonêmica	r	,19*	,32**	,40**	,26**	,21*	,32**	,37**	,54**	,48*	,30*	,59*
CONFIAS – Sílabas	r	,20*	,37**	,49**	,49**	,32**	,37**	,66**	,68**	,66*	,23*	,79*
CONFIAS – Fonemas	r	,23**	,49**	,53**	,47**	,31**	,49**	,61**	,71**	,56*	,24*	,81*
CONFIAS – Total	r	,24**	,46**	,54**	,51**	,32**	,46**	,66**	,73**	,64*	,25*	,85*

Nota. 1-PCFO – Síntese Silábica; 2-PCFO – Síntese Fonêmica; 3-PCFO – Rima; 4- PCFO – Aliteração; 5- PCFO -Segmentação Silábica; 6-PCFO – Segmentação Fonêmica; 7-PCFO – Manipulação Silábica; 8- PCFO – Manipulação Fonêmica; 9- PCFO – Transposição Silábica; 10- PCFO – Transposição Fonêmica; 11 – PCFO – Total. (*) $p=0,05$; (**) $p=0,01$.

A Tabela 5 diz respeito às correlações entre os subtestes da PCFO e do CONFIAS. Os resultados sugerem que das 209 correlações estabelecidas, apenas trinta e seis não foram estatisticamente significativas, e dessas, onze tiveram intensidade nula. De forma geral, os achados evidenciaram uma correlação positiva e moderada entre os instrumentos analisados, apesar das 101 correlações fracas ($<0,30$) encontradas entre os subtestes. Esses achados indicam que os desempenhos nos instrumentos de consciência fonológica alvos de nossa investigação caminham no mesmo sentido, mostrando convergência entre si. É importante destacar que os subtestes que melhor se correlacionaram entre os instrumentos destacados foram ‘S8 – Exclusão Silábica’ versus ‘PCFO - Manipulação Silábica’ ($r=0,66$; $p<0,01$); ‘S8– Exclusão Silábica’ versus ‘PCFO - Manipulação Fonêmica’($r=0,63$; $p<0,01$); ‘F4–Exclusão Fonêmica’ versus ‘PCFO - Manipulação Fonêmica’ ($r=0,63$; $p<0,01$); ‘F6 – Segmentação Fonêmica’ versus ‘PCFO - Síntese Fonêmica’($r=0,62$; $p<0,01$); e ‘F6 – Segmentação Fonêmica’ versus PCFO - Segmentação Fonêmica’ ($r=0,62$; $p<0,01$).

Discussão

Na análise do desempenho global das crianças nos instrumentos de avaliação da consciência fonológica foi observado que os participantes da pesquisa apresentaram resultados acima da média geral estipulada pelos instrumentos, em todas as avaliações de consciência fonológica. No RACF as

crianças apresentaram melhores resultados no reconhecimento do ‘Som Inicial’ e mais dificuldades em identificar o ‘Som final’ e o ‘Som do meio’ das palavras a elas apresentadas. Esses dados divergem, em parte, dos encontrados por Antoniazzi et al. (2005) e Suehiro e Santos (2015b), os quais apontam a identificação do ‘Som Inicial’ e ‘Som final’ como os mais fáceis em seus estudos. Teoricamente é esperado que a identificação em cada uma dessas posições no som das palavras tenha graus diferentes de dificuldades e sigam um *contínuum* (Mota et al., 2014; Spinillo, Mota & Correa, 2010; Suehiro & Santos, 2011). Considera-se a identificação do ‘Som do meio’ das palavras a atividade que abrange habilidades cognitivas e linguísticas mais refinadas do que as necessárias para a percepção do ‘Som inicial e final’, ou seja, operações cognitivas que exigem uma reflexão específica sobre as unidades sonoras das palavras de sua língua, tendo em vista que para identificar o som do meio, a criança além de identificar, tem que isolar o som (Correa & Mousinho, 2013; Morais, 2019; Suehiro & Santos, 2015b), do mesmo modo que as habilidades de manipulação e transposição exigem mais habilidades cognitivas e mais desenvolvimento da habilidade de leitura por parte das crianças, conforme afirmado por vários estudiosos da área (Capovilla et al., 2007; Cunha & Capellini, 2011; Godoy, 2003). Os resultados do presente estudo indicam que embora a diferença seja mínima, quando comparadas às dificuldades apresentadas pelas crianças nas atividades que incluíam ‘Som Final’ e ‘Som do Meio’ do RACF, elas apresentam de forma geral desempenho inferior nas tarefas de ‘Som Final’. Tais

resultados sugerem a necessidade de novas investigações que possam aprofundar a análise desses achados.

No caso da PCFO e do CONFIAS, as crianças apresentaram menos habilidades fonológicas em relação às manipulações que exigiam um trabalho relacionado às partes menores das palavras a elas apresentadas e, portanto, na manipulação de fonemas, o que confirma pesquisas anteriores (Aragão & Morais, 2020; Capovilla, Dias & Montiel, 2007; Gindri, Keske-Soares & Mota, 2007; Mousinho & Correa, 2011; Suehiro & Santos, 2015a). Isso se dá porque o nível de fonemas é o último a se desenvolver e é considerado o nível de mais alta complexidade de consciência fonológica. Essa habilidade está intrinsecamente relacionada com a aprendizagem da leitura e da escrita no sistema alfabético, porque o desenvolvimento da atividade de leitura favorece a análise no nível fonêmico (Godoy, 2003).

Quanto a dificuldade apresentada pelas crianças de forma geral nos instrumentos, é importante destacar que o instrumento em que elas apresentaram melhores resultados foi o RACF, seguido por resultados medianos no CONFIAS, e por fim com piores desempenhos na PCFO. É importante destacar que o RACF oferece um número reduzido de itens quando comparado aos dois outros instrumentos; o CONFIAS apresenta uma hierarquia de dificuldades e em algumas tarefas há apoio visual a partir de figuras; e a PCFO não segue uma hierarquia de dificuldades, pois mescla entre itens silábicos e fonêmicos, o que o torna difícil.

O Conselho Federal de Psicologia utiliza os parâmetros de Prieto e Muñiz (2000) na elaboração dos critérios de análise dos dados dos testes comercializados no Brasil. Esses parâmetros consistem em: inadequado um coeficiente abaixo de 0,60; adequado com algumas carências os coeficientes entre 0,60 e 0,70; adequado entre 0,70 e 0,80 e bom entre 0,80 e 0,85. O coeficiente é excelente quando eles se encontram acima de 0,85 (Ottati & Noronha, 2003). Ao considerarmos as correlações entre os instrumentos, verificamos que as correlações entre os totais dos três instrumentos de avaliação da consciência fonológica indicaram um índice excelente de acordo com os parâmetros de Prieto e Muñiz (2000). Além disso, podemos destacar que a maior correlação positiva foi entre a PCFO e o CONFIAS.

Quanto à relação entre os subtestes de cada instrumento, podemos dizer de forma geral que há uma correlação positiva e moderada (Dancey & Reidy, 2006) entre os subtestes dos três instrumentos. Nesse sentido, destacamos que os subtestes que melhor se correlacionaram entre o RACF e a PCFO foram ‘Som Medial e Transposição Silábica’; ‘Som medial e Manipulação Fonêmica’; ‘Som Inicial e Transposição Silábica’, respectivamente. Apesar de não ter sido encontrado um correspondente direto para o ‘Som do meio’ do RACF na PCFO, já que esse instrumento não avalia ‘Som Medial’, os índices de correlação encontrados entre o ‘Som do meio’ do RACF e os subtestes de ‘Manipulação Fonêmica’ e ‘Transposição Silábica’ da PCFO parecem indicar que há um índice de dificuldade semelhante em se dizer qual palavra apresenta o mesmo ‘Som do meio’ que a palavra modelo e falar a palavra ao contrário, invertendo suas sílabas, assim como adicionar e subtrair fonemas dizendo qual a palavra resultante. Suehiro & Santos (2015a) encontraram resultados parcialmente

parecidos ao analisarem a validade convergente entre o RACF e a PCFO, sendo que o ‘Som do meio’ do RACF se correlacionou mais significativamente com os subtestes de ‘Síntese Fonêmica’, ‘Manipulação Fonêmica’ e ‘Transposição Fonêmica’ da PCFO.

Ao destacarmos as correlações entre os subtestes do RACF e os subtestes do CONFIAS, podemos apontar que os subtestes que melhor se correlacionaram foram ‘F4 – Exclusão Fonêmica’ versus ‘RACF – Som Inicial’; ‘F4 – Exclusão Fonêmica’ versus ‘Som Medial’; ‘S7 – Produção de Rima’ versus ‘RACF Som Medial’; ‘S8 – Exclusão Silábica’ versus ‘RACF – Som Inicial’; e ‘S8 – Exclusão Silábica’ versus ‘Som Medial’. Esses resultados apontam que, embora os itens F4, S7 e S8 do CONFIAS sejam mais difíceis que os itens de Identificação de ‘Som Inicial e Medial’ do RACF, eles se correlacionam porque avaliam o mesmo constructo, que no caso é a consciência fonológica (Suehiro, 2008; Suehiro & Santos, 2015b). Sobre as correlações entre os subtestes da PCFO e do CONFIAS, podemos destacar que os subtestes que tiveram correlações mais altas foram ‘S8 – Exclusão Silábica’ versus ‘PCFO - Manipulação Silábica’; ‘S8 – Exclusão Silábica’ versus ‘PCFO - Manipulação Fonêmica’; ‘F4 – Exclusão Fonêmica’ versus ‘PCFO - Manipulação Fonêmica’; ‘F6 – Segmentação Fonêmica’ versus ‘PCFO - Síntese Fonêmica’; e ‘F6 – Segmentação Fonêmica’ versus PCFO - Segmentação Fonêmica’.

Os achados aqui destacados indicam que os subtestes de maior dificuldade nos instrumentos são os que melhor se correlacionam. Isso porque, os itens que tem como objetivo excluir uma sílaba de uma palavra para formar outra palavra; excluir um som de uma palavra para formar uma nova palavra; e separar uma palavra em sons, parecem exigir habilidades linguísticas e cognitivas mais refinadas por parte das crianças do que as tarefas que tem como objetivos formar palavras novas por meio da adição e subtração de uma sílaba ou um fonema; unir fonemas dizendo qual palavra resulta da união dos mesmos; e separar os fonemas de uma palavra (Bernardino Júnior, Freitas, Souza, Marante & Bandini, 2006; Capovilla et al., 2007; Godoy, 2003).

Considerações Finais

O presente estudo levou em consideração as indicações das muitas dúvidas que surgem quando temos que quantificar e qualificar as habilidades e dificuldades na área de consciência fonológica, quando se trata dos instrumentos de avaliação. Apenas nos últimos vinte anos as pesquisas sobre o tema passaram a valorizar o estudo das propriedades psicométricas dos instrumentos. Se a consciência fonológica pode auxiliar os profissionais envolvidos com os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, como Psicólogos, Fonoaudiólogos, Psicopedagogos e Neuropsicólogos, ao possibilitar analisar dados sobre o nível de consciência fonológica dos aprendizes e selecionar tarefas e procedimentos adequados às necessidades dos mesmos, então pesquisas que tratem de explicitar a validade dos instrumentos contribuem para qualificar cada vez mais o processo de avaliação dos aprendizes. Ademais, o diagnóstico das dificuldades inerentes ao processo de alfabetização constitui um recurso para os

profissionais ajustarem o tempo e o esforço de trabalho cognitivo necessários aos aprendizes. Tentamos contribuir com essa área ao buscar por evidências de validade convergente entre três instrumentos comumente usados na avaliação da consciência fonológica nas pesquisas dos últimos dez anos.

Dessa forma, concluímos que os três instrumentos possuem convergência entre si e que os instrumentos que melhor se correlacionam são o CONFIAS e a PCFO, indicando que os três instrumentos avaliam partes comuns do mesmo constructo. Um destaque pode ser dado ao desempenho das crianças nos três instrumentos e as características dos instrumentos que podem ter contribuído para tal resultado. O RACF pode ser mesmo mais apropriado para ser usado em avaliações que exigem rastreo, uma avaliação mais precoce e mais rápida. O CONFIAS pode ser mais apropriado para uma avaliação mais completa, visto que ele tem como objetivo medir a consciência fonológica de forma sequencial, seguindo uma hierarquia de dificuldades e, assim, poder detectar se existem ou não alterações nesta habilidade. Já a PCFO não segue uma hierarquia de dificuldades, pois mescla entre itens silábicos e fonêmicos, o que, segundo nossa hipótese, o torna mais difícil de forma geral.

Esse estudo pode contribuir com indicações que possam ser usadas para o aprimoramento dos instrumentos e procedimentos técnicos empregados na avaliação psicológica, psicopedagógica, neuropsicológica, fonoaudiológicas e, mais especificamente, na avaliação da consciência fonológica. Além de oferecer a tais profissionais, sugestões de instrumentos válidos que podem servir para identificar dificuldades nessas habilidades necessárias para a aprendizagem da leitura e da escrita e um instrumento de rastreo – o RACF, que serve para uma avaliação mais rápida na clínica.

É importante ressaltar que esses instrumentos não devem ser usados como uma medida única, mas sim em um conjunto de instrumentos que avaliem outros aspectos, como o conhecimento de letras, o realismo nominal, nomeação rápida de figuras, que também são importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais da escolarização.

Nesse sentido, uma das limitações do nosso estudo foi o local da pesquisa, que foi realizada em apenas uma escola municipal, sendo necessária a aplicação desses instrumentos em uma amostra maior, que inclua crianças de escolas públicas e privadas. Embora este estudo tenha identificado novas evidências de validade para o RACF, para a PCFO e para o CONFIAS, é necessário que sejam realizados outros estudos que sanem nossas limitações e que pesquise outras fontes de validade, de forma a propiciar mais informações sobre suas características psicométricas, especialmente incluindo evidências de validade de critério e de validade experimental.

Referências

Adams, M. J. (1990). *Beginning to read: thinking and learning about print*. Cambridge, Massachusetts: MIT.

Adams, M.J., Foorman, B.R., Lundberg, I., & Beeler, T. (2006). *Consciência Fonológica em Crianças Pequenas*. Porto Alegre: Artmed.

Alegria, J., & Mousty, P. (1996). The development of spelling procedures in french-speaking, normal and reading-

disabled children: effects os frequency and lexicality. *Journal of Exceptional Children*, 63(2), 312-338. doi: <http://dx.doi.org/10.1006/jecp.1996.0052>.

- Antoniazzi, M. I. B., Suehiro, A. C. B., & Santos, A. A. A. (2005). *A relação entre a alfabetização e a Consciência Fonológica*. Resumo retirado dos Anais do VII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional (ISSN 1981-2566).
- Aragão, S. D. S. A., & Morais, A. G. de. (2020). Como crianças alfabetizadas com o método fônico resolvem tarefas que avaliam a consciência fonêmica? *Educação Em Revista*, 36(1), 1-37. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-4698223345>.
- Bernardino Júnior, J. A., Freitas, F. R., Souza, D. G., Marante, E. A., & Bandini, H. H. M. (2006). Aquisição de leitura e escrita como resultado do ensino de habilidades de Consciência Fonológica. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 12, (3), 423-450. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382006000300009>.
- Blanco-Dutra, A. (2012). Instrumentos de avaliação de Consciência Fonológica. Em: Lamprecht, R. R. (Ed.) *Consciência dos sons da língua: Subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa* (pp.43-55). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Bradley, L., & Bryant, P. E (1983). Categorizing sounds and learning to read: A causal connection. *Nature*, 301, 419-421. doi: <http://dx.doi.org/10.1038/301419a0>.
- Byrne, B. (1995). Treinamento da consciência fonêmica em crianças pré-escolares: Por que fazê-lo e qual o seu efeito? Em C. Cardoso-Martins (Ed.), *Consciência Fonológica e alfabetização*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cagliari, L.C. (1992). Da Importância da Prosódia na Descrição de Fatos Gramaticais. Em: Ilari, R. (ed.) *Gramática do Português Falado - níveis de análise linguística* (pp. 39-64), Campinas: Editora da Unicamp.
- Capovilla, A. G. S., & Capovilla, F. C. (1998). Prova de Consciência Fonológica: desenvolvimento de dez habilidades da pré-escola à segunda série. *Temas sobre Desenvolvimento*, 7(37), 14-20.
- Capovilla, A. G. S., & Capovilla, F. C. (2000) Efeitos do treino de consciência fonológica em crianças com baixo nível sócio-econômico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 7-24. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722000000100003>.
- Capovilla, A. G. S., Dias, N. M., & Montiel, J. M. (2007). Desenvolvimento dos componentes da consciência fonológica no ensino fundamental e correlação com nota escolar. *Psico-USF*, 12(1), 55-64. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712007000100007>.
- Caravolas, M., & Bruck, M. (1993). The effect of oral and written language input on children's phonological awareness: A cross-linguistic study. *Journal of Experimental Child Psychology*, 55(1), 1–30. doi: <https://doi.org/10.1006/jecp.1993.1001>.

- Cardoso-Martins, C. (1995a). *Consciência Fonológica e alfabetização*. Petrópolis: Vozes.
- Cossu, G., Shankweiler, D., Liberman, I. Y., Katz, L., & Tola, G. (1988). Awareness of phonological segments and reading ability in Italian children. *Applied Psycholinguistics*, 9(1), 1-16. DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/S0142716400000424>.
- Correa, J. (2001). A Aquisição do sistema de escrita por crianças. Em: J. Correa, A. G. Spinillo, & S. Leitão. (Eds.). *Desenvolvimento da linguagem: escrita e textualidade*. (pp.17-70), Rio de Janeiro, RJ: NAU: FAPERJ.
- Correa, J. (2004). A avaliação da consciência sintática na criança: uma análise metodológica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(1), 69-75. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000100009>.
- Correa, J., & Mousinho, R. (2013). Por um modelo simples de leitura, porém não tão simples assim. Em: Mota, M. P. E. M; Spinillo, A. (Eds.). *Compreensão de textos*. (pp. 77-100). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Correa, J. (2014). *O papel da consciência fonológica e da consciência morfológica na leitura de palavras no Português do Brasil*. Resumo retirado dos Anais do 10.º Encontro Nacional (8.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração (ISBN 978-972-8952-31-0).
- Cunha, V. L. O., & Capellini, S. A. (2011). Habilidades metalinguísticas no processo de alfabetização de escolares com transtornos de aprendizagem. *Revista Psicopedagogia [online]*, 28(85), 85-96. (ISSN 0103-8486).
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). Análise de Correlação: o r de Pearson. Em C. P. Dancey, & J. Reidy (Eds.). *Estatística sem Matemática para a Psicologia: usando SPSS para Windows* (pp. 178-218). Porto Alegre: Artmed.
- Demont, E., & Gombert, J. E. (1996). Phonological awareness as a predictor of recoding skills and syntactic awareness as a predictor of comprehension skills. *British Journal of Educational Psychology*, 66(1), 315-332. doi: <http://dx.doi.org/10.1111/j.2044-8279.1996.tb01200.x>.
- Ducrot, O., & Tudorov, T. (2001). *Dicionário Enciclopédico das Ciências da Linguagem*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Ferreiro, E., & Teberosky, A. (1985). *A psicogênese da língua escrita*. Tradução de D. M. Lichsteinstein et. al. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Galicia-Moyeda, X.I., Robles-Ojeda, J.F., & Sanchez-Velasco, A. (2015). Efectos de actividades fonológicas en el vocabulario, las habilidades psicolingüísticas y los procesos lectores de niños de primer grado. *Acta Colombiana de Psicología*, 18(2), 29-40. doi: <http://dx.doi.org/10.14718/ACP.2015.18.2.3>.
- Gindri, G., Keske-Soares, M., & Mota, H. B. (2007). Memória de trabalho, Consciência Fonológica e hipótese de escrita. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, Barueri (SP), 19(3), 313-322. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-56872007000300010>
- Godoy, D.M.A (2003). O papel da Consciência Fonológica no processo de alfabetização. *Pró-fono*. 15(3), 241 – 250.
- Godoy, D.M.A., Fortunato, N., & Paiano, A. (2014). Panorama da Última Década de Pesquisas com Testes de Consciência Fonológica. *Temas em Psicologia*, 22(2), 313-328. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.2-04>.
- Godoy, D.M.A. (2014). *Níveis de consciência fonológica correlacionados à leitura de palavras no Português do Brasil*. Resumo retirado dos Anais do 10.º Encontro Nacional (8.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração (ISBN 978-972-8952-31-0).
- Godoy, D. M. A., & Cogo-Moreira, H.(2015). Evidências da Estrutura Fatorial e Precisão de Tarefas de Consciência Fonêmica (TCFe). *Paidéia*, 25(62), 363-372. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-43272562201510>
- Gombert J. E. (1992). *Metalinguistic Development*. Hertfordshire: Harvester Wheatsheaf.
- González, R. M., Cuetos, F., Vilar, J. & Uceira, E. (2015). Efectos de la intervención em conciencia fonológica y velocidad de denominación sobre el aprendizaje de la escritura. *Aula Abierta*, 43(1), 1-8. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.aula.2014.06.001>
- Gough, P., Larson, K., & Yopp, H. (1995). A estrutura da Consciência Fonológica. Em: Cardoso-Martins, C.(Ed.) *Consciência Fonológica e alfabetização*. (pp. 13-35). Petrópolis: Vozes.
- Jiménez, J. E., & Ortiz, M. R. (1994). Phonological awareness in learning literacy. *Intellectica*, 18(1), 155-181.
- Liberman, I. Y., Shankweiler, D., Fischer, F. W., & Carter, B. (1974). Explicit syllable and phoneme segmentation in the young children. *Journal of Experimental Child Psychology*, 18(1), 201-212. doi: [https://doi.org/10.1016/0022-0965\(74\)90101-5](https://doi.org/10.1016/0022-0965(74)90101-5).
- Lopes, A.P.N., & Minervino, C.A.D.S.M. (2015). Consciência Fonológica em adultos não alfabetizados. *Revista CEFAC*, 17(5), 1466-1474. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0216201517519214>.
- Luo, Y.C., Chen, X., & Geva, E. (2016) Concurrent and longitudinal cross-linguistic transfer of phonological awareness and morphological awareness in Chinese-English bilingual children. Em: Zaretsky, E., & Schwartz, M. (Eds.). *Cross-linguistic Transfer in Reading in Multilingual Contexts* (pp.93-116), John Benjamins Publishing Company.
- Melo, R. B. (2006). *A relação entre Consciência Fonológica e aquisição da leitura e da escrita de jovens e adultos*. (Tese de Doutorado). Retirada de Domínio Público (Acesso número 643).
- Melo, R. B., & Correa, J. (2013). Consciência Fonológica e a aprendizagem da leitura e escrita por Adultos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(2), 460-479. doi: 10.12957/epp.2013.8419.
- Moojen, S., & Santos, R. M. (2001). *Avaliação metafonológica: resultados de uma pesquisa*. Letras de hoje, Porto Alegre, 36(3), 61-79.

- Moojen, S., & cols. (Eds.). (2003). *Consciência Fonológica: instrumento de avaliação sequencial - CONFIAS*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Morais, A. G. (2019) *Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Morais, J. (1996). *A arte de ler*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista.
- Morais, J. (2013). Criar leitores - Para professores e educadores. Barueri, SP: Manole.
- Mota, M.M.P.E., Santos, A. A. A., & Guimarães, S. B. (2014). Evidências de validade e consistência interna de tarefas de analogia gramatical. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19(4), 250-257. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000400002>
- Mota, M.M.P.E., Santos, A.A. A., Guimarães, S. B & Conti, C. (2014). Evidências de validade do Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica (RACF). *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 14(3), 933-948. doi: <https://doi.org/10.12957/epp.2014.13892>.
- Mota M. M. E. P., Mansur, L. S. F., Calzavara, A., Annibal, L., Lima, A. S, Costa, J et al. (2006). O papel das habilidades metalinguísticas na alfabetização. *Revista Eletrônica do ICHL/UFJF*, 4(1), 1-8.
- Mousinho, R., & Correa, J. (2009). Habilidades linguístico-cognitivas em leitores e não-leitores. *Pró-Fono Revista de Atualização Científica*, 21(2), 113-118. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-56872009000200005>.
- Mousinho, R, Correa, J. (2011). O desenvolvimento do processamento fonológico e da leitura do 1o ao 4o ano do ensino fundamental: implicações para a intervenção precoce. Em: Mendonça, L., Mousinho, R, Capellini, S. (Eds.) *Dislexia: novos temas, novas perspectivas*. (pp. 71-93). Rio De Janeiro: Ed. Wak.
- Ottati, F., & Noronha, A. P. P. (2003). Parâmetros psicométricos de instrumentos de interesse profissional. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 3(2),37-50.
- Prieto, G. & Muñoz, J. (2000). Un modelo para evaluar la calidad de los testes utilizados em espanña. *Papeles del Psicólogo*, 77(1), 65-75.
- Ramos, N.S.C. (2005). *Consciência Fonológica do Português do Brasil: Descrição e Análise de Cinco Testes*. (Dissertação de Mestrado). Retirada de Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUCRS (Acesso número 231).
- Rego, L. L. B. (1995). A relação entre a evolução da concepção de escrita da criança e o uso de pistas grafo-fônicas na leitura. Em: C. Cardoso-Martins (Org.), *Consciência fonológica & alfabetização* (pp. 69-100). Rio de janeiro, RJ: Vozes.
- Roazzi, A., Roazzi, M. M., Justi, C. N. G., & Justi, F.R. dos R. (2013). A relação entre a habilidade de leitura e a consciência fonológica: estudo longitudinal em crianças pré-escolares. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 13(2), 420-446. doi: <https://doi.org/10.12957/epp.2013.8417>.
- Santos, A. A. A., Ferraz, A. S., Lima, T. H., Brito Cunha, N., Suehiro, A. C. B., Oliveira, K. L., ... & Silva, I. R. (2017). Habilidades linguísticas: a relação entre a consciência fonológica e a escrita. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 17(2), 575-594. doi: <https://doi.org/10.12957/epp.2017.37132>
- Santos, A.A.A., & Lima, T.H. (2017). Análise de fator exploratória e confirmatória do Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica, um teste de consciência fonológica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 34(2), 211-218. doi: <http://DX.doi.org/10.1590/1982-02752017000200003>.
- Santos, M.J., & Barrera, S. D. (2017). Impacto do treino em habilidades de consciência fonológica na escrita de pré-escolares. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(1), 93-102. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/2175-3539201702111080>.
- Seymour, P., Aro, M., & Erskine, J. M. (2003). Foundation literacy acquisition in European orthographies. *British Journal of Psychology*, 94(2), 143-174. doi: <http://dx.doi.org/10.1348/000712603321661859>.
- Spinillo, A. G., Mota, M.M.P.E., & Correa, J. (2010). Consciência metalinguística e compreensão de leitura: diferentes facetas de uma relação complexa. *Educar em Revista*, 38(1), 157-171. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602010000300011>.
- Stahl, S. A. & Murray, B. A. (1994). Defining phonological awareness and its relationship to early reading. *Journal of Educational Psychology*, 86 (2), 221-234. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-0663.86.2.221>.
- Suehiro, A. C. B. (2008). *Processos fonológicos e perceptuais e aprendizagem da leitura e escrita: instrumentos de avaliação* (Tese de Doutorado) Retirada de Domínio Público (Acesso Número 92).
- Suehiro, A.C.B., & Santos, A.A.A. (2011). Roteiro de Avaliação da Consciência Fonológica (RACF). *Acta Colombiana de Psicología* 14 (1), 147-154.
- Suehiro, A. C. B., & Santos, A. A. A. (2015b). Compreensão de leitura e Consciência Fonológica: evidências de validade de suas medidas. *Estudos de Psicologia*, 32(2), 201-211. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000200005>
- Suehiro, A. C. B., & Santos, A. A. A. (2015a). Evidências de Validade Convergente entre Instrumentos de Avaliação da Consciência Fonológica. *Psico.*, 46(4), 452-460. doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2015.4.20028> .
- Treiman, R., & Baron, J. (1981). Segmental Analysis Ability: Development and relation to reading ability. Em: G.E. MacKinnon & T.G.Waller (Eds.) *Reading research: Advances in theory and practice* (pp.159-198), New York, NY: Academic Press.
- Tunmer, W.E. (1990). The role of language prediction skills in beginning reading. *New Zealand Journal of Educational Studies*, 25 (2), 95-114.
- Vaessen, A., Bertrand, D., Tóth, D., Csépe, V., Faísca, L., Reis, A. & Blomert, L. (2010). Cognitive development of fluent word reading does not qualitatively differ

between transparent and opaque orthographies. *Journal of Educational Psychology*, 102(4), 827-842. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/a0019465>

Yopp, H. K. (1988). The validity and reliability of phonemic awareness tests. *Reading Research Quarterly*, 23(2), 159-177. doi: <http://dx.doi.org/10.2307/747800> .